

Um movimento que fortalece a comunidade



**Caminhos para a constituição
dos Grupos de Estudos Sindicais**

Um movimento que fortalece a comunidade

**Caminhos para a constituição
dos Grupos de Estudos Sindicais**

Recife, Pernambuco, 2013

Diretoria da Fetape

Doriel Saturnino de Barros
Diretor Presidente

Maria Aparecida de Melo (Mulica)
Diretora Vice-Presidente

Cícera Nunes da Cruz
Diretora de Finanças e Administração

Adelson Freitas Araújo
Diretor de Organização e Formação Sindical

Paulo Roberto Rodrigues Santos
Diretor de Política Salarial

Israel Crispim Ramos
Diretor de Política Agrícola

Eraldo José de Souza
Diretor de Política Agrária

Maria Severina de França (Silvia)
Diretora de Política para as Mulheres

Adriana do Nascimento Silva
Diretora de Política para a Juventude

José Rodrigues da Silva
Coordenador da Terceira Idade

Antônio Francisco da Silva (Ferrinho)
Coordenador do Meio Ambiente

Ficha técnica

Diretor de Organização e Formação Sindical
Adelson Freitas Araújo

Equipe Pedagógica
Adelson Freitas Araújo
Ana Paula de Albuquerque
Kátia Celi Ferreira Patriota
Lucimar Maria de Oliveira
Maria do Carmo Souza Ramos
Mônica Katarina Tavares Benevides
Severino Francisco da Luz Filho

Relatorias dos Seminários sobre GES
Ana Célia Floriano e Adriana Amâncio

Sistematização e texto final
Ana Célia Floriano
(Pingos nos Is - Comunicação e Sistematização)

Colaboração
Raimunda Oliveira
(Assessora de Formação da Contag
e Coordenadora Pedagógica da Enfoc)
Antenor Lima
(Assessor de Formação
da Contag e Educador Popular da Enfoc)

**Colaboração na preparação e realização
dos Seminários**
Rede de Educadores/as de Pernambuco

Revisão Ortográfica
Neide Mendonça

Projeto gráfico e ilustrações
Jorge Verdi

Apresentação

Fortalecer uma ação efetiva na base, ficando cada vez mais próximo a homens e mulheres que moram e trabalham no campo, tem sido um objetivo que a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco vem buscando alcançar. Nesse sentido, uma das estratégias utilizadas são os Grupos de Estudos Sindicais - GES.

No caminho definido para a aproximação das bases, além de realizar atividades que qualifiquem a ação sindical, a Diretoria de Organização e Formação elegeu como fundamental produzir materiais que pudessem apoiar educadores e educadoras, na atuação junto a trabalhadores e trabalhadoras. Como parte dessa proposta, estava a construção de uma cartilha que pudesse orientar a implantação dos GES nas comunidades.

A construção desta publicação é fruto do desejo da Diretoria de Organização e Formação, contando com o apoio da Diretoria da Federação e da Equipe da Escola Nacional de Formação da Contag - Enfoc, de possibilitar uma formação transformadora e libertária, citando o grande Educador Paulo Freire.

O processo de elaboração da cartilha se deu coletivamente, a partir da realização dos Seminários:

Tecendo Caminhos para Implementação dos Grupos de Estudos Sindicais, realizados nas três Regiões do estado, onde foram reunidos educadores e educadoras que passaram pelas quatro turmas do Curso de Formação Social da Enfoc em Pernambuco. Nesses momentos, foram construídas as orientações necessárias para que fossem semeados os GES em Pernambuco.

Toda a discussão dos Seminários foi sistematizada com o apoio da jornalista Ana Célia Floriano, da Diretoria de Formação da Fetape, e da equipe da Enfoc Nacional, transformando-a neste valioso material.

Construir esta cartilha se tornou um desafio, por ser algo novo. No entanto despertou na equipe um sentimento de que estamos caminhando com um destino certo: as comunidades rurais do estado de Pernambuco. É lá, onde acreditamos que o processo formativo precisa apoiar a transformação e contribuir para que cheguem as primaveras tão sonhadas. Bom Trabalho!

Adelson Freitas Araújo

Diretor de Organização e Formação Sindical

Sumário

Apresentação	03
Para fazer acontecer, é preciso compreender	07
Quem? Faz o quê?	08
Juntos/as por um campo sustentável	12
O desafio de contribuir no “educar”	17
Arregaçando as mangas	19
Ações concretas	23
Conclusão	25
Textos que podem ajudar nas reflexões do grupo:	
O Professor e a Mulê	28
A Professora de Horizontologia	29
A História da Águia-Galinha	32
O Velhinho que queria ver o Mar	34
Video e Música recomendados	35

Para fazer acontecer, é preciso compreender

Grupo de Estudos Sindicais (GES)

O GES tem como objetivo principal discutir a realidade vivida por trabalhadores e trabalhadoras rurais, sejam agricultores/as familiares ou assalariados/as rurais, estimulando a construção coletiva de alternativas que promovam o acesso dessas pessoas a políticas públicas que lhes garantam qualidade de vida.

O Grupo de Estudos Sindicais faz parte da estratégia pedagógico-metodológica da Escola Nacional de Formação da Contag (Enfoc).

É um espaço que tem realizado mudanças significativas no “fazer sindical”, estimulando o surgimento de novas lideranças.

A realidade do campo é o foco central da atuação da Enfoc. O desenvolvimento de ações, cada vez mais próximas da base, estimula avanços importantes nas práticas do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais (MSTTR). Por isso, o investimento em processos formativos que contribuam para a organização das comunidades, a exemplo dos Grupos de Estudos Sindicais, tem importância político-estratégica.

Quem participa do GES afirma que ele é:

- Um espaço de estudo, integração, troca de experiências e saberes, construção coletiva do conhecimento.
- É lugar de liberdade de expressão, de despertar o senso crítico dos sujeitos envolvidos.
- É uma forma de fortalecer a relação Sindicato/base, base/Sindicato.
- É Instrumento de construção, transformação e mudança da realidade.

Educação Popular

Paulo Freire afirmava que a conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora, e que essa toma como ponto de partida o pensar do povo, ou seja, a construção dos conteúdos é feita a partir da situação concreta: o presente, o existencial.

Para Freire, a realidade do sujeito deve ser problematizada, e ser apresentada pelo educador ou

educadora como potencial desafio para ser superado, na reflexão da ação, sobre outra ação.

Esse tipo de educação busca a formação crítica do homem e da mulher, na tentativa de implementar um novo projeto de sociedade, onde “o eu e o nós” sejam realmente valorizados.

Para refletir: De que forma, você, educador/a, pode estimular a consciência crítica das pessoas?

Quem? Faz o quê?



O GES e sua coordenação/animação

A Enfoc, em seus cursos Nacional, Regionais e Estaduais, prepara educadores e educadoras para organizar, estimular e acompanhar a criação dos GES. Porém é importante destacar que esses Grupos nascem e desenvolvem suas raízes dentro da comunidade rural, motivados por demandas dos Sindicatos dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais em cada município, e pelo cotidiano de cada localidade.

Os GES são animados por lideranças e dirigentes do MSTTR, que assumem o compromisso de contribuir com os debates das comunidades, na perspectiva de mudanças que promovam mais qualidade de vida. Essa ação deve ocorrer, sempre, em diálogo direto com a diretoria dos Sindicatos.

Vale lembrar, ainda, que as Federações dos Trabalhadores na Agricultura, que, no caso de Pernambuco, é a Fetape, e toda a Rede de Educadores



e Educadoras da Enfoc têm importante papel na construção dessa estratégia.

Nessa caminhada, cabe à Diretoria de Organização e Formação da Federação o papel de coordenar os processos formativos, elaborar materiais pedagógicos de apoio, com o objetivo de contribuir para as ações formativas, em diálogo com a Rede de Educadores/as e Colaboradores/as.

Para se criar o GES é preciso:

- Mobilizar os/as agricultores/as familiares e/ou assalariados/as nas comunidades rurais.
- Contar com o apoio da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

- Escolher um ambiente adequado para a realização das atividades.
- Planejar os temas a serem abordados e a metodologia a ser utilizada no processo contínuo de aprendizagem.
- Promover os debates políticos, sempre a partir da realidade e dos desafios da comunidade, acompanhados de ações concretas.
- Articular parceiros de diferentes segmentos na execução das ações.
- Criar um ambiente que possibilite avaliações sistemáticas da caminhada, levando sempre em conta o fortalecimento do MSTTR.

O GES fortalece a Ação Sindical



A constituição do GES deve ser assumida pelo Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais do município, como algo que possa fortalecer, qualificar a sua ação, estimular mudanças na realidade local e estabelecer as condições para identificar novas lideranças.

O Grupo de Estudos Sindicais é um espaço privilegiado para socializar e aprofundar os debates sobre as lutas e conquistas do MSTTR; um lugar de construção

de estratégias coletivas para a superação de realidades que não são boas para os trabalhadores e as trabalhadoras.

O GES deve ser capaz de estabelecer e aprofundar vínculos entre a realidade da comunidade com o cotidiano sindical, e vice-versa. O Grupo possibilita que os/as participantes reflitam coletivamente sobre a realidade local e, ao mesmo tempo, traz reflexões mais globais para a discussão no espaço da comunidade.

Essa aproximação do Sindicato com a base permite às comunidades o aprofundamento do conhecimento sobre o papel e a importância do MSTTR (história, lutas, conquistas); possibilita, também, o contato mais próximo do STTR com sócios/as, estimulando-os/as a participarem da vida do Sindicato; e contribui para a sindicalização de

novos/as trabalhadores/as. Esse espaço também fortalece a consciência de classe, o sentimento de pertencimento das pessoas em relação ao Movimento. Tudo isso qualifica o processo de articulação e mobilização, potencializando, assim, as diferentes lutas do MSTTR.

Conjunto de forças do MSTTR que pode contribuir para a implementação dos GES

- História/memória sindical
- Credibilidade
- Capacidade de mobilização
- Política Nacional de Formação e Escola de Formação da Contag
- Lideranças formadas e capacitadas, que constituem uma grande Rede de Educadores/as Populares
- Polos e Delegacias Sindiciais atuantes
- Participação ativa em diferentes espaços de controle social, como os Territórios da Cidadania, Conselhos
- Parceria com instituições governamentais e não governamentais
- Conquistas frutos de Mobilizações como os Grito da Terra Brasil e Pernambuco e a Marcha das Margaridas
- Lideranças com coragem de permanecer na luta e enfrentar os desafios mesmo diante das dificuldades
- Programas de rádio e outros meios, que fortalecem a comunicação e as ações de formação e mobilização
- Grupos de jovens, de mulheres e de pessoas da terceira idade, organizados nas comunidades etc

Para refletir: Os diretores e diretoras do Sindicato em que você atua têm participado nas atividades das comunidades? O que tem sido discutido nesses momentos?

Juntos/as por um campo sustentável



Os diferentes espaços onde ocorrem os GES

Para começo de conversa, o GES pode se organizado em espaços onde se desenvolve o trabalho assalariado ou em comunidades da agricultura familiar. Isso porque, ter um campo digno, para se trabalhar e viver, é direito de todos e todas.

Outra coisa importante é que o GES pode ser formado a partir da mobilização da comunidade, mas também pode acontecer em espaços já existentes (como grupos de mulheres, jovens, associações, cooperativas, dentre outros).

Um público diverso enriquece os debates

Podem participar dos GES, jovens, mulheres, homens, pessoas da terceira idade, novos ou futuros sindicalizados, grupos produtivos, entre outros.

É importante destacar, já desde a primeira reunião, os objetivos que unem o grupo, isto é, que são comuns a todos/as os/as participantes.

O olhar para o espaço de atuação

Para organizar o GES, você, educador ou educadora, precisa conhecer o espaço em que vai atuar. Nos

diálogos, deve identificar os desafios e as oportunidades do local. Grandes contribuições, nesse sentido, podem vir dos grupos já existentes (associações, grupos de jovens e mulheres, entre outros).

A criatividade é um elemento fundamental nessa chegada. A construção de diagnóstico sobre a realidade da comunidade com a participação direta da própria comunidade pode ser uma estratégia interessante para conhecer o ambiente onde se vai atuar.



Bebendo da fonte de Paulo Freire, o GES busca fortalecer o MSTTR, fortalecendo primeiro o indivíduo e o seu ambiente. Nesse sentido, os princípios da Política Nacional de Formação (PNF) do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais podem contribuir, e muito, para que isso aconteça naturalmente.

Veja reflexões e estratégias para iniciar um trabalho de base, a partir de alguns desses princípios:

- **Resgatar a memória para fortalecer o senso crítico**

É fundamental conhecer a história da comunidade, as experiências vividas, os saberes passados de geração para geração, a fim de fortalecer as identidades e contribuir com a formação de pessoas de forte senso crítico e com convicção de seus valores e direitos. Isso contribuirá com as

lutas e também na percepção de quais sonhos esse grupo pode buscar realizar.

Por isso, em vez de chegar à comunidade contando a história do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, escute primeiro a história que a comunidade tem para contar. Com isso, ela vai se sentir importante e motivada a interagir com o trabalho de base.

- **Fortalecimento das identidades (gênero, geração, raça, etnia e religião)**

Esse princípio preza pela valorização das diferenças, identificando que elas fortalecem as pessoas, para que, juntas, sejam mais fortes. Sem respeito às diferenças, não há trabalho de base. Vale destacar que as particularidades e potenciais individuais fortalecem o grupo.



O trabalho de base deve multiplicar ideias que fortaleçam a identidade camponesa

• Construção coletiva do conhecimento

Você, como educador ou educadora, não deve se colocar na condição de que sabe tudo e o educando e a educanda não sabem nada. Deve, sim, compreender que o conhecimento está presente em ambos os lados e, a partir da troca, há o fortalecimento do coletivo. Por isso, na educação trabalhada pela Enfoc, não se usa a denominação aluno, que é o mesmo que "sem luz". É usado o termo educando, que vem da palavra "edut", que significa "tirar de dentro".

O conhecimento, na educação popular, deve ser construído a muitas mãos, obedecendo a um ciclo onde cada pessoa dá a sua contribuição.

• Formação pluralista, classista, crítica e criativa

A formação de base deve ser ampla e claramente identificada pela defesa dos trabalhadores e das trabalhadoras. Esse princípio quer dizer que toda educação tem lado, tem classe. Isso ajuda a formar o senso crítico na base. Em todas as atividades formativas, é preciso lembrar em que lado o grupo está e o que defende.

• Compreender o ser humano em sua totalidade

Quer dizer enxergar o outro de maneira global e não limitado a uma função, a um interesse ou, até mesmo, a alguma característica a exemplo da sexualidade, gênero, raça.

No trabalho de base, devemos olhar para o ser humano, considerando que ele possui várias dimensões, que envolvem sua história, cultura, ideais. Também é importante respeitar as limitações, desejos e o tempo de cada pessoa no

processo de integração, mas sempre buscando envolvê-la nas atividades, até que ela se sinta confiante para falar, participar, interagir.

• Permanente articulação entre prática e teoria

A teoria desalinhada da prática não se transforma em ação concreta. Ambas têm que caminhar juntas. Discurso e ação separados não mobilizam, não tocam as pessoas.

É preciso falar menos e fazer mais. A teoria deve iluminar a prática do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais junto à base.

• Permanente abertura para vários saberes

A comunidade é um espaço cheio de sabedoria e, para beber dessa fonte, você, educador ou educadora, deve manter uma atitude de respeito e de interação com tais saberes e experiências.

O povo camponês, que, historicamente, sofre com a falta de acesso a direitos fundamentais, como educação, saúde habitação e tantos outros, muitas vezes, não se reconhece como sujeito e nem se percebe com sabedoria e conhecimento. Para virar essa página, é preciso valorizar as experiências dessas pessoas, mostrando o quanto a sabedoria existente nas comunidades rurais pode promover mudanças.

Diante dessa riqueza, é importante que você, educador ou educadora, também se disponha a contribuir para a multiplicação desses conhecimentos. Um espaço importante são os intercâmbios entre os GES.

O conhecimento dos livros não substitui a experiência vivenciada pela própria comunidade



• Reconstrução da mística de mudança social

A mística representa o sonho, o ideal, o amor que mobiliza e envolve todos/as na luta por direitos. Por isso, a formação de base deve se preocupar em manter essa chama sempre acesa.

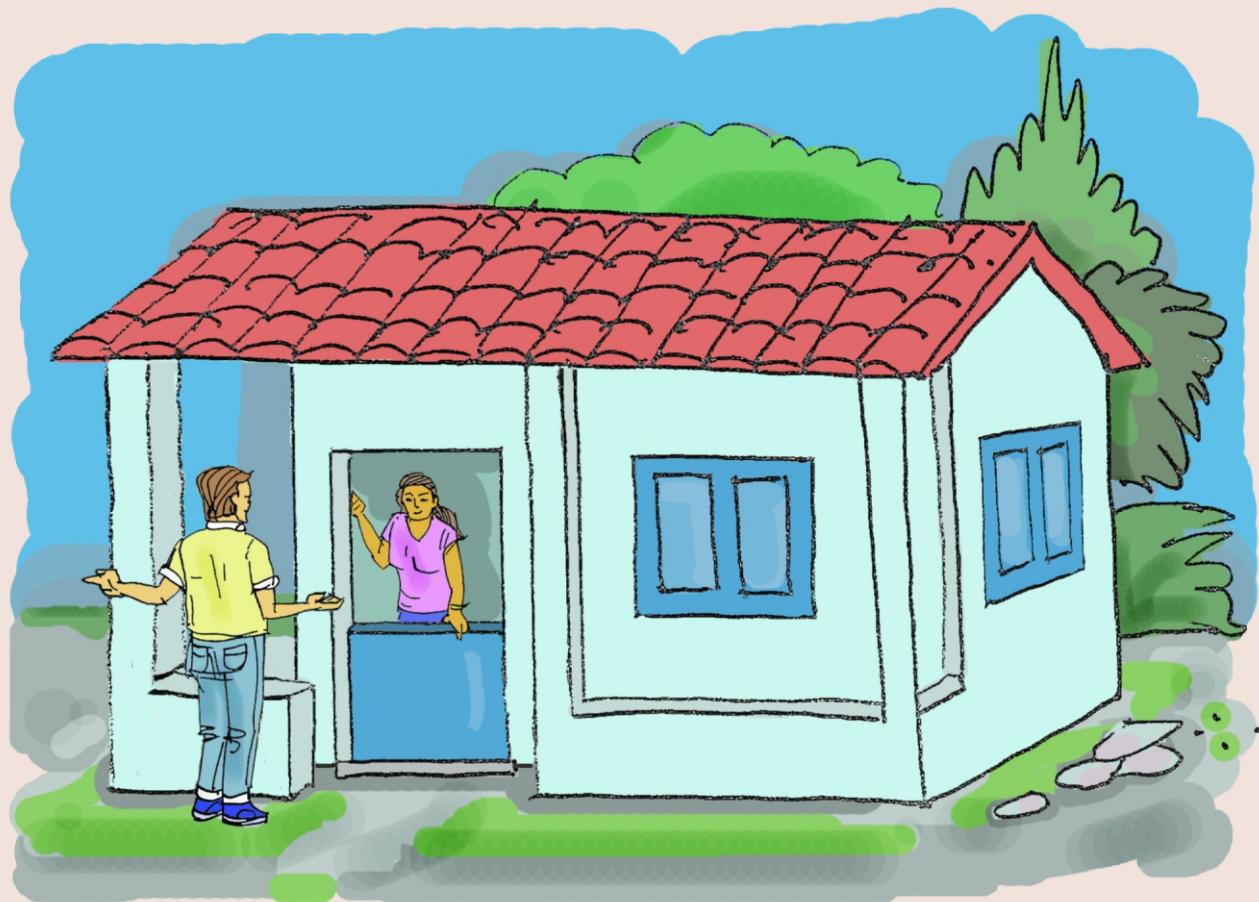
É preciso reinventar o jeito de fazer formação; despertando para um novo trabalho de base, onde se consiga envolver, mobilizar e despertar um sentimento de representatividade junto à comunidade.

No caso desse princípio, mística tem a ver com mistério, com o coração, com o sentimento de militância.

Assim, fazer um trabalho de base significa entender que o Movimento Sindical não é um emprego, não é sinônimo de renda e vantagens, mas de desejo de mudar o mundo. Também é preciso considerar que mística não se explica, se sente.

Para refletir: Você deseja contribuir com quais transformações na comunidade em que está atuando?

O desafio de contribuir no “educar”



O educador ou a educadora que atua no Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais precisa ter um olhar crítico sobre a realidade da sociedade, identificando como sua atuação pode

contribuir para a transformação de processos que não valorizam ou que oprimem o/a agricultor/a familiar ou assalariado/a rural.

O que não pode faltar ao/à educador/a

- Compromisso
- Disponibilidade
- Capacidade de escuta
- Capacidade de planejamento/monitoramento e avaliação
- Objetividade
- Dinamismo
- Segurança e conhecimento da causa pela qual se luta
- Boa comunicação
- Capacidade de articulação e mobilização
- Boa vontade
- Coerência entre o discurso e a prática

- Espírito de militância, ou seja, defender a luta da classe em todas as ações de formação de base
- Autonomia para garantir um trabalho contínuo, respeitando os princípios da Formação
- Preparação e conhecimento sobre os conteúdos que serão trabalhados na base
- Capacidade de escuta e interesse pelas questões que estão diretamente ligadas à realidade da comunidade
- Humildade e respeito
- Persistência

Reflexão: O que o/a move a ser um/a educador/a?



Arregacando as mangas



Os encontros

Os espaços para os encontros do GES podem ser os mais diversos. A sombra de uma árvore, o quintal de uma casa, o salão paroquial, a sala de uma associação ou do próprio Sindicato, uma área do local de trabalho de assalariados e assalariadas, tudo é permitido, desde que seja um local agradável e que possibilite o diálogo entre os/as participantes.

Sugestão para as reuniões

- Você pode agendar as reuniões para um só turno ou para o dia todo. Isso dependerá da disponibilidade das pessoas.
- Inicie o encontro com uma vivência criativa: leve elementos de mistica, que ajudem a introduzir o tema, utilizando imagens, músicas, encenações, símbolos locais, elementos da natureza.

- Construa coletivamente a pauta do encontro.
- Peça que as pessoas expressem suas expectativas.
- Se for possível, construa já uma agenda de temas a serem trabalhados nos diferentes encontros, para ser analisada pelas pessoas.
- O estudo pode acontecer a partir de leituras ou de vídeos, fotos, exposição, abrindo para diálogo, ou ainda uma provocação, a partir de um tema que dialogue com a realidade da comunidade.
- Em algum momento, pode-se convidar alguém de fora para falar sobre um tema de interesse.
- Os assuntos a serem pautados devem ser de interesse da comunidade. Dessa forma, as pessoas irão se aproximar, se envolver mais com a atividade.
- Uma estratégia importante é envolver a comunidade em pesquisas e diálogos que façam com

que as pessoas se percebam corresponsáveis e valorizadas em todos os processos.

- Durante a reunião, é preciso estimular que todos e todas se expressem.
- É fundamental que tudo que é discutido seja anotado por alguém do grupo.
- Ao final de cada encontro, marque sempre a data da próxima reunião.

Importante: Combine sempre antecipadamente com o grupo a infraestrutura: local para a reunião, como fazer o deslocamento, lanche ou almoço. É Importante deixar claro que o grupo deverá ser autônomo. Nas refeições, por exemplo, cada um pode trazer algo para partilhar; ou ser na casa de alguém que pode cozinhar e os/as demais participantes trazem produtos, em sistema de rodízio; ou ainda, se pode buscar algum apoio do Sindicato.





Materiais importantes durante as reuniões

Organize um kit com canetas, caixa de lápis de cor, lápis grafite, folhas de papel ofício, folhas grandes de papel branco ou madeira (versos de cartazes velhos podem servir como uma boa alternativa), caixa de pincéis atômicos, borrachas, revistas, jornais. Utilize o kit em todos os encontros.

Tenha uma listagem de presença para cada encontro.

Informativos do Sindicato, da Federação e da Contag devem ser materiais usuais para a leitura e reflexão. Eles podem ajudar nas discussões sobre as conquistas do MSTTR, deixando-as mais visíveis para o grupo.

Podem ser usados também textos extraídos de jornais e revistas de grande circulação, para estimular

a reflexão crítica sobre determinados temas. Nesse caso, é importante que o/a educador/a contribua para essa análise, mostrando que muitos meios são tendenciosos ao divulgar determinadas informações.

A programação de TV apresenta elementos interessantes para estimular a reflexão sobre o cotidiano, além de ajudar a identificar aspectos constitutivos do imaginário coletivo. Dessa forma, são excelentes materiais paradidáticos e de aprofundamento dos temas trabalhados durante as conversas do grupo. Deve-se estimular a criticidade ao assistir a programação das emissoras, mostrando também o interesse dessas empresas em fortalecer o capitalismo.

Corresponsabilidade

Você sempre poderá envolver as pessoas nas diferentes responsabilidades. Alguém pode guardar o material e reparti-lo nos momentos adequados; outra pessoa pode fazer o registro. Isso estimula a corresponsabilidade.

Temas trabalhados

Na primeira reunião, é preciso explicar o que é o GES, sua finalidade. No entanto isso deve ser para que o grupo entenda qual é a proposta, mas é fundamental que, nesse primeiro contato, a comunidade seja a grande protagonista.

Em reuniões posteriores, é necessário explicar o que é sindicalismo – trajetória e perspectivas do MSTTR, no município, no estado e no Brasil.

As reuniões precisam sempre ligar o tema abordado ao Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais. É preciso mostrar que esse projeto de sociedade tem como pilares a Reforma Agrária, a Agricultura Familiar, Assalariados (as) Rurais, Políticas Sociais, levando em conta as dimensões de gênero, geração, raça e etnia.

O grupo deve trabalhar temas livres, que façam parte do seu cotidiano.

Os projetos desenvolvidos pela Federação e pelo Sindicato no município podem constituir-se em bons temas a serem conversados pelo grupo.

Assuntos que podem ser colocados para o debate do grupo

- História da comunidade, do município
- Acesso à terra
- Qualidade da política de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater)
- Crédito Rural
- Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)
- Cadeia produtiva dos/as agricultores/as familiares da comunidade
- Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR)
- A força da mulher, dos jovens e da terceira idade no meio rural
- Meio ambiente
- Agroecologia
- Previdência
- Acesso à água
- Saúde de qualidade para as pessoas que vivem no campo
- Combate ao uso de drogas e à prostituição, no meio rural

Para refletir: Quais desafios você tem vivenciado na implementação do GES e o que tem feito para superá-los?

Ações concretas



Como já foi dito, o GES é um espaço onde teoria e prática andam juntas. Por isso, a formação realizada durante os momentos de estudo deve ser colocada em prática, pela comunidade, na luta por seus direitos. Assim, o Grupo pode promover mobilizações, articular movimentos sociais,

organizações não governamentais que atuam na localidade, pautar os governos, participar de espaços de proposição e controle social (conselhos, fóruns), fazer acontecer. É preciso que isso ocorra de forma planejada, com objetivos definidos, em diálogo com o Sindicato, que pode potencializar essas iniciativas.



Pequenas iniciativas, como palestras e mobilizações relacionadas ao meio ambiente, direitos, políticas públicas, envolvendo escolas, Igreja etc., podem ser importantes para envolver a comunidade em diferentes lutas por cidadania.

É fundamental que o Grupo, além de correr atrás das questões mais locais, também fortaleça as iniciativas

do STTR, que pensam o município como um todo. É importante engrossar o coro por um campo digno para toda a sua população.

Para refletir: Quais lutas do Sindicato têm contado com o apoio e a participação da sua comunidade?

Conclusão

Os Grupos de Estudos Sindicais são como um vento que sopra, movimentando, de forma animada, a ação do MSTTR nas comunidades rurais. É uma ação que atrai a base para um fazer coletivo, corresponsável, que busca mudanças para qualificar a vida de quem vive e trabalha no campo.

Com o GES, o MSTTR reafirma o seu compromisso de lutar junto com o homem e a mulher do campo, respeitando experiências e saberes; reconhece que, se a história do Movimento foi construída por essas pessoas, o futuro, só com o apoio de cada uma delas, será melhor.

A comunidade também se fortalece com o GES, pois, nesse espaço, ela pensa sobre a sua realidade e identifica, de forma crítica, como deseja mudá-la. Nesse momento, a teoria logo dialoga com a prática.

Nesses compromissos, que vêm de todos os lados, o seu papel, como educador ou educadora, é fundamental. Você contribui, com o seu saber, para que seja tecida uma grande rede, unindo as forças desses diferentes sujeitos, em prol de uma vida digna no campo.

E aí, qual o próximo capítulo dessa história? Comece a contar agora.

o sonho em todo coração
portância a um sorriso amigo irmão
o sonho em cada coração
o trigo e repartir o pão
o sonho é transformação é desafio bom
o sonho é transformação
na alma todo e qualquer dom
o sonho abrir o coração
as da poesia magia da canção
o sonho repartir o pão
transformar o mundo é desafio bom
o sonho é coragem e fé
sor de sonho é coragem e fé
o sonho em todo coração
portância a um sorriso amigo irmão
o sonho em cada coração
o trigo e repartir o pão
o sonho é transformação é desafio bom

Textos que podem ajudar nas reflexões do Grupo

O Professor e a Mulé

Cristina Maria Silva Gomes

Estava eu, de papo pra cima / deitada numa rede veia / esperando dona Maria, que tinha ido na casa de Carmela/

Um moço veio desconfiado / e perguntou quem eu era/

Num só ninguém, disse pro moço, to só deitada numa rede veia

E ele insistiu na prosa / perguntando o que eu fazia / Num faço nada, disse pro moço/ to só deitada numa rede veia/

E o moço voltou a perguntar / o que se faz nessa cidade, além de numa rede velha deitar? /

Sem deixar eu responder, continuou a falar / o que gosta de fazer, além de se balançar? /

Enfezada eu levantei e lhe dei outra pergunta / tá me chamando de preguiçosa? Seu cara de alaússa! /

O moço respondeu na hora / e foi logo me dizendo / preguiçosa não é teu nome / isso eu estou sabendo /

Já de pé da minha rede / o que muito me custava / olhei pra cara do home, que me chamou de engraçada/

Me enfezei, mais uma vez/ e fui logo lhe dizendo / Tá me chamando de paiaça? / É isso que tá pareceno /

Ele respondeu todo se encolhendo/palhaça não é teu nome/ isto eu estou sabendo/

O que danado ele queria / eu ainda não entendia, eu já tava era agoniada/ com aquela prosa desencontrada/

Desembuche logo, rapai / me diga o que você qué / com essa pose toda, não é um copo de café/

Um café até eu queria / mas não nesse momento / se estou lhe encomodando / me perdoe, eu lamento/

Venho da cidade e aqui ninguém conheço / e como lhe encontrei / devoto-lhe o meu apreço / sou professor formado / e de nome reconhecido/ e desejo perguntar-lhe/ onde fica o Rio São Francisco?/

Agora foi que lasco / num é tu o professor? /

Sou professor de livros / mas nessa terra nada conheço /e por isso, eu lhe pergunto, com todo meu apreço/

Eu disse pra ele, o caminho é muito longe / muita coisa tu vai encontrar / me desculpe professor / mas tu num pode ir sozinho até lá/

Respeito seu renome / mas vou lhe aconselhar / deixe seus pacotes aí / que vou no rio lhe levar /

Na caminhada pro rio / muita coisa ao professor tive que explicar / coisa que ele nunca viu, em livro nenhum falar / pra saber daquilo tudo / tinha que naquela terra pisar /

Mas que coisa engraçada / fiquei comigo a pensar / o home é professor e eu, uma mulé pobre que mal sei falar /ensinei pra aquele home do que ele mal podia imaginar.

Estava eu, de papo pra cima / deitada numa rede veia / esperando dona Maria, que tinha ido na casa de Carmela/
Um moço veio desconfiado / e perguntou quem eu era/
Num só ninguém, disse pro moço, to só deitada numa rede veia
E ele insistiu na prosa / perguntando o que se faz nessa cidade, além de numa rede velha deitar? /
Sem deixar eu responder, continuou a falar /
Enfezada eu levantei e lhe dei outra pergunta /
O moço respondeu na hora / e foi logo me dizendo /

A Professora de Horizontologia

Já tinha parado a chuva e Clara Luz estava louca que a chuva voltasse. Felizmente a Fada-Mãe veio com uma novidade:

- Minha filha, hoje vem uma professora nova. Você vai ter a sua primeira aula de horizontologia.

- O que é isso?

- É saber tudo sobre o horizonte. As crianças lá da Terra aprendem geografia. As fadas aprendem horizontologia.

- Acho que vou gostar dessa aula - disse Clara Luz.

O sininho da porta bateu: era a professora que vinha chegando. Clara Luz correu ao encontro dela:

- Bom dia! Estou louca para aprender tudo sobre horizontes!

- Que bom! - respondeu a professora.

- Gosto de alunos assim entusiasmados.

A professora era uma fada muito mocinha, que tinha acabado de se formar em professora de fadinhas. Sabia horizontologia na ponta da língua.

A Fada-Mãe ofereceu um cafezinho de pó-de-meia-noite e depois deixou Clara Luz e a professora sozinhas.

- Muito bem - disse a professora.

- Primeiro, quero ver o que você já sabe. Sabe alguma coisa sobre o horizonte?

- Saber, mesmo, não sei, não. Mas tenho muitas opiniões.

- Opiniões?

- É, sim. Quer que diga?

Fernanda Lopes de Almeida
A fada que tinha ideias

- Quero - respondeu a professora, muito espantada.

- A minha primeira opinião é que não existe um horizonte só. Existem muitos.

- Está enganada - disse a professora.

- Horizonte é só um!

- Eu sei que todos acham que é só um. Mas justamente vou escrever um livro, chamado Horizontes Novos.

- Você vai escrever um livro? - perguntou a professora, cada vez mais admirada.

- Vou. Eu acho que criança também pode escrever livros, se quiser, a senhora não acha?

- Acho, sim.

- Pois, nesse livro, eu vou dizer todas as minhas ideias sobre o horizonte.

- São muitas? - quis saber a professora.

- Um monte. Por exemplo: eu acho que nós duas não devíamos estar aqui.

- Ué! Devíamos estar onde, então?

- No horizonte, mesmo. Assim, em vez da senhora ficar falando, bastava me mostrar as coisas e eu entendia logo. Sou muito boa para entender.

- Já percebi - disse a professora.

- Tenho muita pena das professoras, coitadas falam tanto!

- É verdade - respondeu a professora, com um suspiro.

Clara Luz ficou muito contente:

- Então, se está de acordo, por que não vamos para o horizonte já?

Já tinha parado a chuva e Clara Luz estava louca que a chuva voltasse. Felizmente a Fada-Mãe veio com uma novidade: - Minha filha, hoje vem uma professora nova. Você vai ter a sua primeira aula de horizontologia. - O que é isso? - É saber tudo sobre o horizonte. As crianças lá da Terra aprendem geografia. As fadas aprendem horizontologia.

Já tinha parado a chuva e Clara Luz estava louca que a chuva voltasse. Felizmente a Fada-Mãe veio com uma novidade:

- Minha filha, hoje vem uma professora nova. Você vai ter a sua primeira aula de horizontologia.

- O que é isso?

- É saber tudo sobre o horizonte. As crianças lá da Terra aprendem geografia. As fadas aprendem horizontologia.

- Acho que vou gostar dessa aula - disse Clara Luz.

O sininho da porta bateu: era a professora que vinha chegando. Clara Luz correu ao encontro dela:

- Bom dia! Estou louca para aprender tudo sobre horizontes!

- Que bom! - respondeu a professora.

- Gosto de alunos assim entusiasmados.

A professora era uma fada muito mocinha, que tinha acabado de se formar em professora de fadinhas. Sabia horizontologia na ponta da língua.

A Fada-Mãe ofereceu um cafezinho de pó-de-meia-noite e depois deixou Clara Luz e a professora sozinhas.

- Muito bem - disse a professora.

- Primeiro, quero ver o que você já sabe. Sabe alguma coisa sobre o horizonte?

- Saber, mesmo, não sei, não. Mas tenho muitas opiniões.

- Opiniões?

- É, sim. Quer que diga?

- Quero - respondeu a professora, muito espantada.

- A minha primeira opinião é que não existe um horizonte só. Existem muitos.

- Está enganada - disse a professora.

- Horizonte é só um!

- Eu sei que todos acham que é só um. Mas justamente vou escrever um livro, chamado Horizontes Novos.

- Você vai escrever um livro? - perguntou a professora, cada vez mais admirada.

- Vou. Eu acho que criança também pode escrever livros, se quiser, a senhora não acha?

- Acho, sim.

- Pois, nesse livro, eu vou dizer todas as minhas ideias sobre o horizonte.

- São muitas? - quis saber a professora.

- Um monte. Por exemplo: eu acho que nós duas não devíamos estar aqui.

- Ué! Devíamos estar onde, então?

- No horizonte, mesmo. Assim, em vez da senhora ficar falando, bastava me mostrar as coisas e eu entendia logo. Sou muito boa para entender.

- Já percebi - disse a professora.

- Tenho muita pena das professoras, coitadas falam tanto!

- É verdade - respondeu a professora, com um suspiro.

Clara Luz ficou muito contente:

- Então, se está de acordo, por que não vamos para o horizonte já?

A professora levou um susto: - Não pode ser!

- Por quê?

- Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi horizontologia no colégio...

- Por isso é que a senhora é tão magrinha.

- Hein?

- Coitada, levou anos aprendendo horizontologia sentada!

A professora levantou-se de repente: - Sabe de uma coisa? Vamos!

Clara Luz ficou radiante: - Eu sabia que ia gostar dessa aula.

E foram.

- Viu como é fácil ir? - perguntou Clara Luz, enquanto voavam, de mãos dadas.

- É mesmo. Nunca pensei que fosse tão fácil! - respondeu a professora.

Ela passava o dia dando lições para sustentar a mãe, uma fada velhinha, que já não podia trabalhar nem fazer mágicas. Ganhava vinte estrelinhas por aula e não tinha tempo para passeios. Agora, com o ar puro lhe batendo no rosto, estava até mais coradinha. -

A senhora é bem bonita, sabe? - disse Clara Luz.

- Acha? - perguntou a professora com um sorriso.

Nisso, chegaram.

A professora foi a primeira a pular sobre o horizonte. Estava tão alegre que se esqueceu que era professora e saiu aos pulos, com os cabelos voando: - Viva!

- Eu sei que todos acham que é só um. Mas viu escrever um livro, chamado Horizontes
- Você vai escrever um livro? - perguntou a cada vez mais admirada.
- Iou. Eu acho que criança também pode livros, se quiser, a senhora não acha?
- Acho, sim.
- Pois nesse livro eu vou dizer todas as minhas coisas sobre o horizonte.
- São muitas? - quis saber a Professora.
- Um monte. Por exemplo: eu acho que nós devíamos estar aqui.
- Ué! Devíamos estar onde, então?
- No horizonte, mesmo. Assim, em vez de eu falar, bastava me mostrar as coisas e eu explicar. Sou muito boa para entender.
- Já percebi - disse a Professora.
- Tenho muita pena das professoras, coitadas de tanto!
- É verdade - respondeu a Professora, com um sorriso.
- Clara Luz ficou muito contente.
- Então, se está de acordo, por que não vamos juntas ao horizonte já?
- A professora levou um susto: - Não pode ser!
- Por quê?
- Não sei se é permitido... Não foi assim que eu aprendi horizontologia no colégio...
- Por isso é que a senhora é tão magrinha.
- Hein?

A História da Águia-Galinha

Leonardo Boff

Numa tarde sonolenta de verão, voltava um criador de cabras do alto de uma planície verde. Ao pé da montanha por onde passava, encontrou, de repente, um ninho de águias todo estraçalhado. Dentro do ninho, ainda lá estava um filhote de águia, ferido na cabeça. Parecia morta, a jovem águia, toda ensanguentada.

Recolhendo-a com cuidado pensou:

-Vou levá-la ao meu vizinho, que é um amante de pássaros. Gosta de os empalhar. Talvez queira empalhar este filhote de águia!

E assim fez, foi à casa do amigo empalhador, que o recebeu alegremente, e lá deixou a aguiazinha. -Amanhã vou empalhá-la, matutou consigo mesmo. Embora pequena, vai ser uma ave soberba, enchendo de grandeza qualquer sala. Colocou a águia num cesto e foi dormir.

No dia seguinte, teve uma grande surpresa. Ao retirar o cesto, percebeu que a águia ainda se mexia. Por misericórdia, tratou-lhe as feridas e tentou alimentá-la. Mas a recuperação estava lenta e, por isso, o empalhador resolveu colocá-la no seu galinheiro. Uma águia não é uma galinha. Mas as galinhas podem provocá-la para viver, para locomover-se e, quem sabe, para despertar em si a imagem das alturas e buscar, um dia, o sol.

A águia passou a comer milho e ração para galinhas. A águia depressa adquiriu os hábitos das galinhas e o empalhador já nem dela se lembrava.

Passados cinco anos, o empalhador recebeu a visita de um naturalista amigo. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

-Este pássaro não é uma galinha. É uma águia.

-De fato - disse o empalhador - é águia, mas foi criada como galinha e por isso deixou de ser águia. Transformou-se numa galinha, apesar das suas magníficas asas!

-Não - retorquiu o naturalista - Ela é e será sempre uma águia. Tem coração de águia. E esse seu coração fará com que, um dia, voe até as alturas.

-Não, não, insistiu o empalhador. Ela transformou-se numa galinha e jamais voará como uma águia. Então decidiram fazer uma prova.

O naturalista pegou na águia, ergueu-a bem alto e disse-lhe:

-Pertences às alturas e não ao chão, voa para o infinito do céu como te pede o coração! Mas a águia, amedrontada, não fez sequer um movimento. Ao olhar em seu redor, e vendo as galinhas a comer milho no solo, deixou-se cair pesadamente e juntou-se a elas.

-Eu disse, ela agora é uma galinha, jamais voltará a ser águia. - comentou o empalhador.

O naturalista, ainda não convencido, respondeu: - Ela é uma águia e vai seguir a sua natureza. Amanhã tentamos novamente.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia para o teto da casa e sussurrou-lhe:

- Águia abre as tuas asas e voa!

Mais uma vez, a águia-galinha saltou para o solo e juntou-se às galinhas.

Amanha, sem falta, a farei voar!- resmungou o naturalista ao ver o ar de gozo que o seu amigo esboçava. - Uma águia tem dentro de si o chamado infinito. O seu coração sente os picos mais altos das

montanhas. Por mais que seja submetida a condições de escravidão, ela nunca deixará de ouvir a sua própria natureza de águia, que a convoca para as alturas e para a liberdade!

No dia seguinte, os dois amigos acordaram cedo. Pegaram na águia e foram para o cume de uma montanha, longe da confusão da cidade. O sol nascente dourava a montanha. O naturalista ergueu a águia até ao pico da montanha e ordenou-lhe:

- Águia desperta do teu sono, deixa nascer o sol dentro de ti. Abre as asas e voa!

A águia olhou em seu redor. Tremia como se experimentasse uma nova sensação. Oh, surpresa! A águia ergueu-se, soberba, sobre o seu próprio corpo. Revelou toda a sua força interior e abriu as suas longas asas titubeantes. Esticou o pescoço para a frente e para cima como para medir a imensidão do espaço. Grasnou com o típico kau-kau das águias e levantou voo. Voou na direção do sol nascente.

Primeiro o medo, mas firme e confiante logo a seguir. Voou para o alto, para mais alto ainda, até desaparecer no horizonte.

Acabara de irromper plenamente a águia, até aqui, prisioneira de galinha. Finalmente livre para voar, e voar como águia resgatada rumo ao infinito. E assim voou até se fundir com o azul do firmamento.

Todos nós temos um pouco de galinha e de águia, mas não nos podemos esquecer que fomos criados à imagem e semelhança de Deus! NÓS TAMBÉM SOMOS ÁGUIAS. Nós voamos!

Numa tarde vonolenta de verão, voltava criador de cíbras, do alto de uma planície verde. Ao pé da montanha por onde passava encontrou, de repente, um ninho de águia estracalhado. Dentro do ninho ainda havia um filhote de águia, ferido na cabeça. Fria morta, a jovem águia, toda ensanguentada. Recolhendo-a com cuidado pensou:

-Vou leva-la ao meu vizinho que é um homem de muitos pássaros. Gosta de os empalhar. Talvez quando eu a empalhar este filhote de águia!

E assim fez, foi a casa do amigo empalhador que o recebeu alegremente, e lá deixou a águiazinha.

-Amanhã vou empalhá-la, matutou consigo mesmo. Embora pequena vai ser uma ave que encherá de grandeza qualquer sala. Cobriu a águia num cesto e foi dormir.

No dia seguinte teve uma grande surpresa ao retirar o cesto, perceber que a águia ainda não mexia. Por misericórdia tratou-lhe as feridas e tentou alimentá-la. Mas a recuperação era lenta, e por isso, o empalhador resolveu trazê-la no seu galinheiro. Uma águia não é galinha. Mas as galinhas podem provocá-la a viver, para locomover-se e, quem sabe, para despertar em si a imagem das alturas e das liberdades.

A águia passou a comer milho e ração para galinhas. A águia depressa adquiriu os hábitos das galinhas.

Chamava-se Badzé, era um velhinho enrugado, chocho e bom, descendia dos antigos Quiriris do Saco dos Morcegos e há muito habitava a vila de Mirandela, nos sertões da Bahia. O velho Badzé ouvira a lenda da Pedra da Batateira, a enorme Pedra com a qual os índios entupiram o olho da grande Nascente. As águas iriam acumular-se no ventre da terra, um dia a pedra rolaria. As águas inundariam os sertões, destituindo Rosemberg Cariri

Chamava-se Badzé, era um velhinho enrugado, chocho e bom, descendia dos antigos Quiriris do Saco dos Morcegos e, há muito, habitava a vila de Mirandela, nos sertões da Bahia.

Dos avós, ouvira a lenda da Pedra da Batateira, a enorme Pedra com a qual os índios entupiram o olho da grande Nascente.

As águas iriam acumular-se no ventre da terra, um dia, a pedra rolaría. As águas inundariam os sertões, destruindo os invasores e exploradores, devolvendo aos índios o paraíso violado. Lenda esta que ouvira também, reinventada, do beato Antônio Conselheiro, quando andava pelos sertões com multidões camponesas resgatadas da servidão dos feudos e, roido de fome e sede, falava: "O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão."

Desde menino, Badzé sonhava com o mar. Agora, que estava velho e sozinho, os ossos mal-armados na pele rachada pelas secas prolongadas, ver o mar era o seu único desejo antes de morrer. Velho, cansado e pobre, como poderia ir ver o mar? Com que forças atravessaria os sertões até o litoral? O raso da Catarina pela frente, o calor asfixiante, a morte espreitando em cada garra da caatinga desnuda... Pensava o velho Badzé, mergulhando angustiado até as mais fundas raízes da alma.

Um dia, a animadora notícia. Um jovem camponês da vila resolvera viajar para o litoral, onde trabalharia nas fábricas. Muitos foram à casa do homem que ia a Salvador, caboclas novas encomendando perfume, senhoras pedindo "Bálsamo da Vida" para curar a inchação das barrigas das crianças. O velho Badzé saiu arrastando-se.

Chegando à vila, abriu caminho entre a multidão, curvou-se humildemente e pediu ao homem que ia ao litoral, que, na volta, lhe trouxesse uma garrafa com água do mar; que, na garrafa, trouxesse o incansável movimento das águas do mar.

O homem viajou. Badzé dividiu seus dias com a angústia da espera. Muitas luas se passaram até que a vila se enfeitasse para comemorar a chegada do homem que trazia palavras novas. Festa grande e pobre. Trêmulo de alegria, o velho Badzé recebeu a garrafa com água do mar. Agradeceu, reuniu todas as forças que lhe restavam, forçou o corpo cansado a se mover me embalada carreira. Corria ofegante e segurava nas mãos a pequena garrafa como se ali estivesse um segredo da vida. Mas pedra do caminho fê-lo tropeçar, a garrafa escapou-lhe das mãos e..., diante dos seus olhos extasiados, a água começou a aumentar de volume como se uma inesgotável fonte nascesse do chão ressequido.

Em poucos minutos, a água cobria-lhe os joelhos, e a brisa salgada acariciava-lhe o sorriso sereno. Badzé retirou do embornal um cocar de penas de araras e solenemente colocou-o na cabeça, herdeiro que era da luta e da bravura da antiga e poderosa nação dos Quiriris.

A água aumentava e as ondas se encrespavam anunciando o sertanejo dilúvio. A igreja de Mirandela já estava encoberta pelas águas, quando as Iaras, as lindas Iaras, guardiãs do lago sagrado dos povos, colocaram o velho Badzé em jangadas de conchas vermelhas, acenderam os cachimbos com o fumo sagrado dos xamãs e navegaram para o futuro, onde farto é o pão e coletiva a felicidade.

Vídeo recomendado:

Narradores de Javé

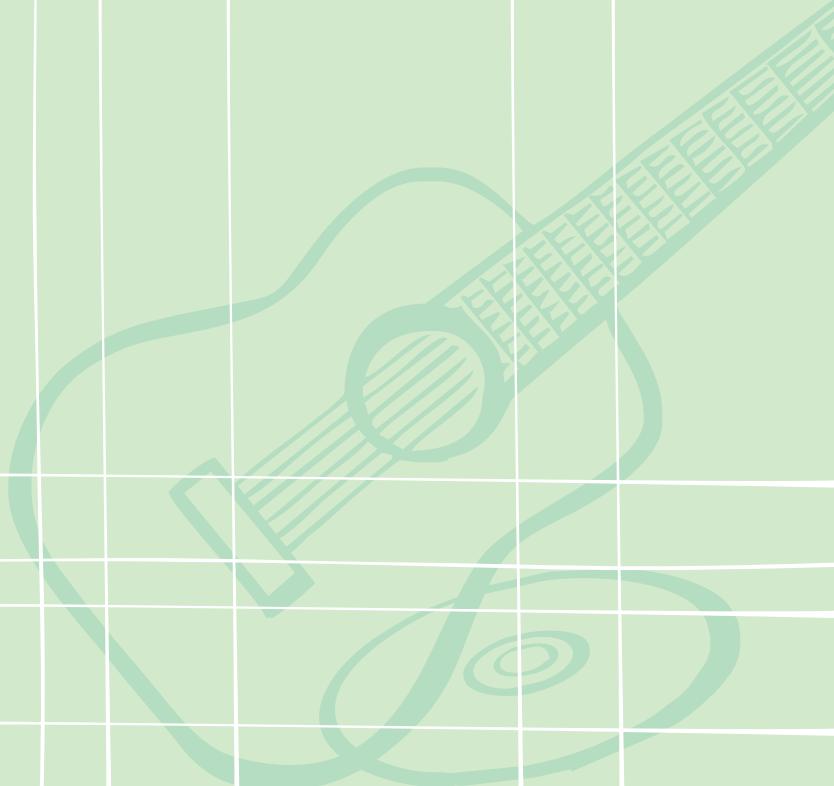
Como instrumento metodológico para trabalhar identidade nas ações de base.

Música recomendada:

Semeador de Sonho

(Suzi Montserrat e João Bello)

Semear o sonho em todo coração
Dar importância a um sorriso amigo irmão
Semear o sonho em cada coração
Colher o trigo e repartir o pão
Semear o sonho é transformação é desafio bom
Semear o sonho é transformação
Abrigar na alma todo e qualquer dom
Semear o sonho abrir o coração
Nas asas da poesia magia da canção
Semear o sonho repartir o pão
Transformar o mundo é desafio bom
Semear o sonho é coragem e fé
Semeador de sonho é coragem e fé
Semear o sonho em todo coração
Dar importância a um sorriso amigo irmão
Semear o sonho em cada coração
Colher o trigo e repartir o pão
Semear o sonho é transformação é desafio bom
É desafio bom





Rua Gervásio Pires, 876
Boa Vista - Recife/PE
(81) 3421-1222
fetape@fetape.org.br
www.fetape.org.br

